



BOLETIM ADVENTISTA

ANO XII - N.º 141

SETEMBRO - 1974



O Secretário associado do Departamento M.V. da Conferência Geral visitou Angola

A DROGA

A. CASACA

De há séculos que há drogas, correntemente utilizadas por certos povos, em diversas ocasiões. Na Europa, na Idade Média, havia o «dia dos malucos» em que as pessoas se podiam embriagar e evadir-se do seu contexto psíquico e social. O velho Carnaval pode considerar-se um sucessor daquele dia! Ainda há pouco tempo, o consumo de drogas estava limitado a certas categorias de indivíduos, psiquicamente perturbados. Mas,

de há quinze ou vinte anos a esta parte, o fenómeno tem-se estendido. Aparece em jovens que estão, porventura, mal adaptados, embora não apresentem necessariamente perturbações psicológicas bem definidas. Portanto, o fenómeno actual é caracterizado pela extensão do uso da droga a um grande número de jovens.

Os efeitos da droga

Os efeitos da droga são bastante variados, conforme os produtos, os indivíduos e o momento em que são utilizados. Por vezes há estimulantes que causam efeito profundamente depressivo.

A intoxicação implica não só perturbações físicas, mas — o que é pior — perturbações graves psicológicas. Basta mencionar as manifestações por demais conhecidas de náuseas, suores, palpitações do coração, angústias — quando falta a droga. Em certos casos, a privação brutal pode chegar inclusivamente a ser mortal. Isto mostra o perigo do produto que afecta não apenas o nível cerebral, mas também o equilíbrio neuro-vegetativo, as funções digestivas e circulatórias.

Com a droga psicodisléptica, observa-se o mesmo tipo de exaltação da cons-

Boletim Adventista

Publicação mensal da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Angola

Director e Editor:
Ernesto Ferreira

Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL

Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo

Número Avulso 3\$00
Assinatura Anual 30\$00

ANO XII — SETEMBRO de 1974 — N.º 141

ciência. O drogado tem a impressão de saber muito mais, de ser mais inteligente, de ser mais poderoso psíquica e fisiologicamente. Às vezes sente uma impressão de leveza, com a impressão de que é capaz de se elevar nos ares. É neste contexto que se devem situar os dramas descritos pelos autores americanos, em que, jovens que estão convencidos de que são capazes de voar, abrem a janela e lançam-se no espaço. A estas perturbações sensoriais juntam-se as percepções visuais, particularmente, as das cores. Note-se, finalmente, segundo certos drogados, uma «exaltação mística», a impressão de estar em contacto com Deus.

Segundo a O.N.U. avalia-se em 30 milhões no mundo, o número de pessoas que utilizam a droga sob qualquer forma (sem falar no álcool e no tabaco).

Certas outras drogas possuem um efeito estimulante, muito importante, comparável ao que se sente depois de se terem bebido várias xícaras de café: o indivíduo sente-se nervoso, excitado, disposto a lançar-se ao trabalho.

Saliente-se que o triste denominador comum de todos estes efeitos, é o terrível hábito que se apodera do drogado como se fora um verdadeiro cancro, implacável e insaciável.

As noções de tempo, de distância e de arte

Apenas duas palavras sobre as duas primeiras noções: tempo e distância. Se para toda e qualquer pessoa no seu estado normal, se pode alterar a noção do tempo — basta recordar como nos parece curtíssimo o tempo, quando estamos interessados — é fácil compreender como essa mesma noção se altera e, profundamente, no drogado: perde, total-

mente, a noção do tempo. O mesmo diremos sobre a distância. O indivíduo no seu estado normal, habituado a avaliar distâncias, em terra; horizontalmente; de baixo para cima — altera a noção de distância, se a considerar, por exemplo; do mar para a praia; de cima para baixo. O drogado não tem discernimento afinado para avaliar a distância o que implica perigos gravíssimos, como se compreende, por exemplo na condução de veículos motorizados.

Quanto à criação artística, já há mais que dizer.

Alguns artistas são ou já foram consumidores de drogas. Muitos psiquiatras manifestam a opinião de que a droga não modifica o potencial de riqueza artística, dando-lhe, sim, uma expressão um pouco diferente, provavelmente menos boa. É possível que um grande artista, sob a influência da droga, possa fazer certas experiências, mas não é de esperar que o seu poder criador seja enriquecido.

Haverá grandes artistas que se drogam? Em primeiro lugar, há que definir o que se entende por «artista» para chegar, depois, a «grande artista». Em segundo lugar, há que distinguir entre artes plásticas e artes rítmicas, isto é: de um lado a pintura e a escultura, e do outro, a música. Há, decerto, músicos «pop» que se drogam, durante a sua actuação; resultado: execução mais viva, mais rápida, mais contorcida, mais forte, mais barulhenta!... Mas, são grandes artistas, executando grande música?...

Como se explica a difusão da droga?

Podem apresentar-se, inegavelmente, muitas razões. Antes de mais, a droga representa um fenómeno de oposi-

ção para com os «velhos», os pais. Os jovens querem satisfazer uma curiosidade, e se os adultos consomem álcool, por que é que eles não hão de tomar marijuana?

Quanto mais o mundo lhes parece absurdo, injusto, violento, tanto mais a droga é, então, uma contestação e um meio de evasão.

Representa, também, a expressão de uma angústia, de uma inquietação, de uma questão sobre a existência e também sobre o mundo de «doidos» em que vivemos. As «fés» sociais ou religiosas não parecem interessar os jovens. Há, pois, detrás da droga, decerto, um problema existencial, espiritual.

Talvez que o uso da droga tenha começado — e assim aconteceu, em muitos casos — sem reflexão, de maneira puramente imitativa. Experimentou-se, para ver como era! Depois, justifica-se o hábito, **a posteriori**, por pseudo-explicações metafísicas. O pior são as algemas que prendem as pobres vítimas que se deixam agarrar.

Uma revelação grave

A Imprensa divulgou, recentemente, que um número sempre crescente de bebês nasce numa ratoeira que lhes é preparada pelos próprios pais — a viciação com estupefacientes.

Pouco depois do nascimento, as crianças — frequentemente prematuras e quase sempre muito fracas — mostram sinais visíveis e graves de tremores febris, vômitos constantes, diarreia, febres inexplicáveis, dificuldades de respirar, extrema irritabilidade, suores profusos e

convulsões — no fundo os mesmos sintomas sofridos por um viciado encerrado na cela de uma prisão e sem poder obter a droga.

Os bebês são, de facto, viciados na droga — viciados apenas com poucos dias — que apanharam o vício no ventre da mãe, quando estavam a ser procriados, devido às doses de droga a circular na corrente sanguínea da mãe. Os sinais têm todas as manifestações exteriores do horror de um viciado que não consegue obter a droga. Outro sintoma evidente e terrível são os agudos gritos lançados por certas crianças nessas condições, gritos acompanhados por choro convulsivo que despedaça o coração das pessoas que o ouvem.

Poucas pesquisas têm até agora sido feitas, relativamente à viciação «neonatal» por narcóticos. Num estudo feito durante dez anos e agora publicado, sobre o problema, lê-se que quanto mais se aprende sobre o caso, mais grave ele parece.

Perante esta anomalia que vai ferir, desde o berço, uma criatura humana, ninguém dotado de sentimentos compreensivos da responsabilidade, pode ficar indiferente. Trata-se de verdadeiros crimes contra a personalidade. Os ataques contra a integridade pessoal multiplicam-se em todos os sectores. Não há dúvida de que, humanamente falando, não se vislumbra porto de abrigo contra as calamidades que pesam e fustigam a humanidade.

Falhando os meios humanos, só há um recurso: Deus que, na sua infinita bondade, quer a nossa salvação tanto temporal como eterna.

Não podemos pôr de parte a profixia natural, propiciada pela Ciência. Mas só será eficaz se for reforçada com a ajuda divina. Uma coisa é certa: Perante um drogado: não podemos ficar indecisos, neutrais; temos de agir, estender-lhe a mão e desviando-o da senda do vício, conduzi-lo para o caminho da salvação.

O USO DO VÉU NA IGREJA DE CORINTO

por Ernesto Ferreira

No primeiro século da era cristã, Corinto era uma grande cidade cosmopolita.

Capital da província proconsular da Acaia desde 27 a. C., Corinto, situada a dois quilómetros e meio ao sul do istmo do mesmo nome, encontrava-se numa posição altamente estratégica sob os pontos de vista cultural e mercantil — estabelecendo, por um lado, a ligação entre a Grécia Central e o Peloponeso e, por outro, entre o Ocidente, pelo Mar Jónio, e o Oriente, pelo Mar Egeu.

Além de uma multidão de gregos e romanos, residentes e forasteiros, havia em Corinto uma numerosa colónia judaica, agora acrescida pelos judeus vindos de Roma, após a expulsão de que foram vítimas por parte do imperador Cláudio (1).

A prosperidade, o luxo e o cosmopolitismo haviam favorecido de uma maneira extraordinária a licença dos costumes em Corinto.

Afrodite, a deusa do amor, era a grande divindade da urbe. Na Acrocorinto, fortaleza que se elevava a 564 metros acima da cidade, fora-lhe dedicado um sumptuoso templo. Estrabão, referindo-se a ele, diz que era tão rico que possuía, a título de hieródulas ou escravas sagradas, mais de mil cortesãs votadas ao culto da deusa — ou seja, à prostituição sagrada — por doadores de ambos os sexos (2).

Corinto era a cidade das cortesãs. Ao passo que em toda a Grécia as esposas, confinadas aos seus lares, eram mantidas em perpétua submissão a seus maridos, as cortesãs (ou hetairas, palavras que significam simplesmente «amiga»), instruídas em escolas especiais em que adquiriam por vezes a mais alta cultura literária e filosófica e o mais refinado bom gosto, emancipadas da tradicional tutela masculina, associavam-se livremente com os homens, oferecendo-lhes os gozos intelectuais de que os gregos eram tão ávidos e participando em todos os seus divertimentos. Dentre as cortesãs de Corinto, a mais célebre

foi sem dúvida Lais, a cuja memória foram levantados monumentos, não só aqui como também na Tessália (1).

A licenciosidade de Corinto era já proverbial desde os tempos da Grécia clássica. Quando, por exemplo, Aristófanes se refere a esta cidade associa-a sempre aos hábitos imorais dos seus habitantes (2).

Os dicionários registam os vocábulos *korinthianizomai* e *korinthiastés*, traduzidos, respectivamente, por Bailly: «Viver, como os coríntios, na devassidão» e «o homem de costumes coríntios, isto é, o devasso» (3).

A Comunidade Cristã de Corinto

A esta cidade chegou o apóstolo Paulo em 51, no decurso da sua segunda viagem missionária.

Os seus primeiros contactos, como de costume, foram com os judeus. Desde logo se associou com Áquila, como ele fabricante de tendas, e com Priscila, sua esposa.

Todos os Sábados disputava na sinagoga, «testificando aos judeus que Jesus era o Cristo» (Act. 18:5), até que, «resistindo e blasfemando eles, sacudiu os vestidos, e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo, e desde agora parto para os gentios» (vers. 6). No entanto, alguns judeus aceitaram o Evangelho, entre os quais Crispo, «principal da sinagoga» (vers. 8).

Os coríntios foram particularmente receptivos à pregação do apóstolo. A seu respeito dissera o Senhor, em visão, a Paulo: «Não temas, mas fala e não te cales; porque Eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade» (vers. 9, 10).

E, com efeito, «muitos dos coríntios, ou-

(1) Pausânias, *Periégesis*, Liv. II, 4.

(2) Aristófanes, *Lisistrata*, 90-92; *Tesmoforizusas* (Festas de Ceres), 647, 648; *As Nuvens*, 709-715.

(3) M. A. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*: «Vivre, comme les Corinthiens, dans la débauche»; «L'homme aux moeurs corinthiennes, c. à d. le Débauché».

(1) Act. 18:21; Suetónio, *Cláudio*, 25.

(2) Estrabão, *Geografia*, Liv. VIII, 20.

vindo-o, creram e foram baptizados» (v. 8).

Ali permaneceu um ano e meio, ensinando entre eles a palavra de Deus. Durante esse tempo escreveu as duas epístolas aos Tessalonicenses e organizou uma activa igreja cristã.

Finalmente, foi acusado como sedicioso pelos judeus perante o procônsul Junius Annaeus Gallio. Mais sensato do que Pílatos, Gálio, irmão do filósofo Séneca, não se deixou intimidar pelos acusadores, e «expulsou-os do tribunal» (vers. 16).

Entretanto, Paulo deu por concluída, por agora, a sua missão na Acaia e apressou-se em regressar a Antioquia, seu ponto de partida.

Pouco depois, empreendeu uma terceira saída missionária. No decurso desta viagem, encontrando-se em Éfeso, onde permaneceu cerca de dois anos (Act. 19:10), chegou ao seu conhecimento, quer por meio de correspondência recebida (1 Cor. 7:1), quer por intermédio da família de Clóé (1:11), que nem tudo ia bem em Corinto.

Alguns membros da igreja haviam noutra tempo sido «devassos, idólatras, adúlteros, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes» (1 Cor. 6:10). Era de esperar que agora, depois de terem conhecido a Cristo, estivessem completamente transformados. Mas, infelizmente, assim não sucedia.

A licenciosidade de Corinto havia feito irrupção no seio da igreja. Num caso, «ouve-se que há ... fornicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai» (5:1). Noutros casos, a santidade do matrimónio não era respeitada, e havia quem se prostituisse.

Nem sempre se observava o necessário cuidado na associação com idólatras, sobretudo em relação com o comer carnes que tinham sido sacrificadas aos ídolos, havendo quem fosse visto «sentado à mesa no templo dos ídolos» (8:10).

Por outro lado, a igreja estava dividida em partidos, sendo uns a favor de Paulo, outros de Pedro, outros de Apolo. Um espírito de contenda prevalecia entre os crentes. Para derimir litígios entre membros chegou-se a recorrer a árbitros pagãos. As dissensões desenvolveram-se a tal ponto que chegaram a introduzir-se na própria celebração da Ceia do Senhor.

Além disso, observava-se grande desordem na celebração dos cultos. As irmãs, em vez de manifestarem recatada submissão, contagiadas pelo espírito de independência da mulher coríntia, apresentavam-se sem véu e pretendiam tomar a palavra em público. No próprio exercício dos dons carismáticos, como o da profecia e o

da glossolalia, observava-se por vezes uma tal confusão que se nessa altura entrassem «indoutos ou infiéis» diriam sem dúvida que estavam «loucos» (14:23).

Finalmente, parecia ainda haver dúvidas quanto à ressurreição, facto que, desconhecido das religiões pagãs, era para o crente tão essencial que, a não ocorrer, «os que dormiram em Cristo estão perdidos» e «somos os mais miseráveis de todos os homens» (15:1, 19).

Foi precisamente para responder às perguntas feitas e obviar aos abusos introduzidos que o apóstolo Paulo escreveu, nas vésperas da sua partida de Éfeso, na Primavera do ano 57, a primeira epístola aos Coríntios.

O véu feminino nas sociedades hebraica e grega

Para compreendermos as implicações da referência do apóstolo Paulo ao uso do véu pelas senhoras, parece oportuna uma breve menção do que se passava a este respeito nas sociedades hebraica e grega, e dizemos sociedades hebraica e grega porque na igreja de Corinto havia tanto cristãs vindas directamente do judeísmo como de directa procedência gentilica.

Entre os hebreus, a situação da mulher em relação ao homem pode resumir-se numa palavra — submissão.

Enquanto solteira, experimentava, pesadamente, por parte do pai, o jugo da *patria potestas*.

Eis como J. Jeremias descreve a sua situação: «Até à idade de doze anos e meio, uma jovem não tem o direito de recusar o casamento decidido por seu pai. Este pode mesmo casá-la com uma pessoa disforme (b. *Ket.*, 40 b). Mais, o pai pode até vender a sua filha como escrava (*Mek.* Ex. 21:7; cf. *Sota*, III, 8), apenas até à idade de doze anos. Só a filha maior (a partir dos doze anos e meio) é autónoma; os seus esponsais não podem ser decididos sem o seu consentimento (b. *Qid.*, 2b, 79a). Todavia, mesmo se a jovem é maior, a soma para o casamento, que o noivo deve pagar no momento dos esponsais, pertence ao pai (b. *Ket.*, 46 b; b. *Qid.*, 3b)» (1).

Depois de casada, a mulher era obrigada a obedecer ao seu marido como senhor, e esta obediência era um dever sagrado.

(1) Joachim Jeremias, *Jérusalem au Temps de Jésus*, traduit de l'allemand par Jean Le Moyne, Paris, Les Éditions du Cerf, 1967. Appendice — La Situation Sociale de la Femme, p. 477.

Ela «chamava o seu marido *ba'al*, dono; chamava-o também *'adôn*, senhor (Gén. 18:12; Juizes 19:26; Amós 4:1), isto é, dava-lhe os títulos que um escravo dava ao seu dono, um súbdito ao seu rei» (1).

O lugar próprio para a mulher era a casa. Escreve Filon: «Mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, reuniões de grandes multidões de homens, em suma, toda a vida pública com as suas discussões e os seus negócios, em tempo de paz e de guerra, é destinada aos homens. Compete às mulheres ficar em casa e viver retiradas. As donzelas devem manter-se em apartamentos recuados, fixando-se como limite a porta de comunicação [com os apartamentos dos homens]; e as mulheres casadas, como limite, a porta do pátio» (2).

Segundo Josefo, no templo as mulheres não podiam penetrar senão no pátio dos gentios e no das mulheres (3).

Nas sinagogas, havia um lugar a elas destinado (4).

No Serviço litúrgico, a mulher estava ali apenas para ouvir. O ensino era interdito (5).

Resumindo a situação da mulher na sociedade hebraica, escreve Josefo: «Diz a Escritura: 'A mulher é inferior ao marido em todas as coisas'. Que ela, portanto, lhe seja obediente; não de maneira que ele abuse dela, mas que ela possa reconhecer o seu dever para com o seu marido; porque Deus deu a autoridade ao marido» (6).

O véu, entre as judias, embora nem sempre usado, sobretudo na corte e nos trabalhos do campo, e embora por vezes usado como disfarce para realçar a beleza (p. ex., em Cantares de Salomão 4:3; 6:7, margem), era precisamente o símbolo desta submissão.

Na época patriarcal, temos um exemplo típico. Ao chegar à terra onde habitava Isaac, Rebeca, acompanhada do servo de Abraão que a fora pedir em casamento a Betuel, levantando os olhos, viu o seu noivo e perguntou ao servo: «Quem é aquele varão que vem pelo campo ao nosso encontro? E o servo disse: Este é o meu senhor.

Então tomou ela o véu e cobriu-se.» Gén. 24:64, 65.

No período neo-testamentário, quando saía de casa a mulher tinha a cabeça e o rosto cobertos, de maneira que não se podiam reconhecer os seus traços. Caso contrário, segundo o Talmud, «o marido tinha o direito, mais do que isso, o dever de a repudiar (Tos. *Sota*, V, 9), sem ser obrigado a pagar a soma que, em caso de divórcio, voltava à esposa em virtude do contrato do casamento (*Ket.*, VII, 6)» (1).

É pois com razão que A. R. Fausset sugere a probabilidade de uma relação entre os termos hebraicos *Radad*, que significa submissão, e *Radid*, que significa véu (2).

O que acaba de ser mencionado acerca da mulher e do uso do véu na sociedade hebraica verifica-se, sob certos aspectos, não em todos, na sociedade grega. Aqui a mulher ocupa, igualmente, uma posição subalterna.

Enquanto donzela está sujeita ao seu *kyrios*, que é, naturalmente, o seu pai; ou na falta deste, um irmão nascido do mesmo pai, um avô, ou, finalmente, um tutor legal. Era ele quem lhe escolhia o marido e por ela tomava as decisões necessárias (3).

Depois de casada, a mulher, se bem que em épocas recuadas — nos tempos minóicos e, sobretudo, nos tempos homéricos — tenha sido altamente venerada, perde os seus privilégios ao instalar-se a democracia ateniense (4). Se ela ainda continua a ser para os escravos a *despoina*, a senhora, podendo governar com autoridade a sua casa a não ser que o seu marido e senhor a tal se oponha (5), perante o seu esposo e na vida civil e política não possui quaisquer direitos. Não é senhora de si própria, *sui juris* (6). Não é mais do que um *oikurema*, um «objecto (a palavra é neutra) feito para os cuidados da casa. Para o ateniense, é a primeira das suas servas» (7).

(1) J. Jeremias, *op. cit.*, pág. 472.

(2) R. Jamieson, A. R. Fausset and D. Brown, **A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments**, Grand Rapids, Zondervan Publishing House, s/d, sobre 1 Cor. 11:10.

(3) Robert Flacelière, **A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles**, trad. de Virgínia Motta, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s/d, pág. 67; Fustel de Coulanges, **A Cidade Antiga**, trad. port., 5.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1941, vol. 1, pág. 132.

(4) André Bonnard, **Civilização Grega**, trad. de José Saramago, vol. I, Lisboa, Estúdios Cor, 1966, pág. 176.

(5) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 65.

(6) F. Coulanges, *op. cit.*, pág. 132.

(7) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(1) R. De Vaux, **Les Institutions de l'Ancien Testament**, vol. 1, 2.ª ed., Paris, Les Éditions du Cerf, 1961, pág. 67.

(2) Filon, **De Spec. Leg.**, III, 169, citado por J. Jeremias, *op. cit.*, pág. 473.

(3) Flávio Josefo, **Antiguidades Judaicas**, Liv. XV, cap. XI, 5; **Guerras dos Judeus**, Liv. V, cap. V, 2.

(4) J. Jeremias *op. cit.*, pág. 489.

(5) **Qid.**, IV, 13, citado por J. Jeremias, *op. cit.*, págs. 489, 490.

(6) Flávio Josefo, **Resposta a Ápio**, II, 25.

«O marido podia sempre repudiar a mulher, mesmo na ausência de motivos válidos» (1).

Tinha sobre ela uma tal autoridade que podia, antes de morrer, designar-lhe um tutor e até mesmo escolher-lhe um segundo marido (2).

Se enviuvava, a mulher passava a estar sob a autoridade do filho mais velho (3).

Ela não podia ser tutora, nem mesmo dos seus filhos. Em caso de divórcio, os filhos ficavam com o pai, mesmo quando fossem do sexo feminino. A mãe nunca podia ter os filhos em seu poder.

Não lhe era pedido o consentimento para o casamento da filha (4).

A posição subalterna da mulher grega encontra-se bem definida nestas palavras de um dos *Fragmentos* de Menandro: «É necessário que a mulher não fale senão em segundo lugar, e que o homem tenha o império supremo» (5).

Tal como sucedia entre os hebreus, o lugar próprio para a mulher grega era a casa. Devemos, porém, dizer, em abono da verdade, que as excepções eram numerosas, sobretudo na classe pobre, em que as mulheres eram por vezes forçadas a trabalhar fora de casa, como por exemplo, no mercado (6).

Desde pequena era criada no *gineceu*, donde não saía senão por ocasião de procissões festivas, em que tomava parte quer como espectadora quer como participante.

Dona de casa, conservava-se ainda no *gineceu*, onde vigiava o trabalho das escravas, trabalho em que ela mesma participava. Se saía, era para fazer uma visita aos pais, ou para ir ao banho, sempre vigiada por uma escrava. Por vezes acompanhava-a o seu senhor e dono. Nem sequer ia ao mercado. Os homens ou os escravos é que iam à *Agora* fazer as compras necessárias (7).

Numa das suas tragédias, Eurípedes põe na boca de Andrômaca, mulher de Heitor, estas palavras proferidas em defesa da sua dignidade feminina: «A mulher atrai sobre

si uma má reputação se não permanecer reclusa; quanto a mim, eu fazia calar o meu desejo e permanecia em casa» (1).

Eis como Menandro resume a situação: «Uma mulher honesta deve estar em casa; a rua é boa para a mulher sem cotação» (2).

Quando uma senhora se apresentava em público, em geral, não necessariamente, tinha a cabeça coberta. A cobertura da cabeça podia ser um véu, como o *krédemnon*, o *kálumna* ou o *kalúptra*; podia ser uma rede mais ou menos transparente, como o *kekrúfalos* ou o *thelétrion*; ou até uma espécie de chapéu de aba larga e de forma cônica, o *tholia*, muito comum a partir do período alexandrino. Por vezes a cabeça era coberta com uma dobra do *himátion*, ampla peça de vestuário que se punha por cima das outras vestes e envolvia o corpo inteiro, peça essa de que o *peplos* e o *chiton* eram apenas variantes.

Ao passo que na sociedade hebraica a cabeça coberta era sobretudo um símbolo de sujeição, na sociedade grega esse uso assumia outros significados.

Era, antes de mais, um símbolo de recato feminino. Caso típico é o de Penélope, a mulher preclara, apresentando-se, perante estranhos, «de faces cobertas com um precioso véu (*krédemnon*)» (3).

Mas, além de ser um símbolo de recato, podia ser usado com outras finalidades — para realçar a beleza feminina, como no caso de Hera apresentando-se perante Zeus (4); para disfarçar a identidade da pessoa, como sucedeu com Ifigénia em Táurida (5); para exprimir luto, como na *Ilíada* (6), nos *Hinos Homéricos* (7) e em numerosas estelas funerárias; para cerimónias religiosas, como no vaso conservado no Museu de Berlim, em que Themis, sentada sobre a tripode délfica, está coberta com um véu (8), ou da adoradora de Afrodite, do Museu Nacional de Roma, no acto de depor incenso num candelabro (9).

Em presença do que acaba de ser men-

Continua na pág. 14

(1) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 76.

(2) F. Coulanges, *op. cit.*, pág. 133.

(3) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(4) F. Coulanges, *op. cit.*, págs. 138, 139.

(5) *Le Théâtre des Grecs*, par le P. Brumoy. Seconde édition complète, revue par M. Raoul-Rochette. Paris, chez Mme. Ve Cussac, 1825, Tome XVI, Les Fragments de Ménandre, Frag. 213, pág. 115.

(6) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 77.

(7) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(1) Eurípedes, *Troianas*, 649.

(2) Fragmento 546, registado por R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 77.

(3) *Odisseia*, I, 330-334.

(4) *Ilíada*, XIV, 184, 185.

(5) Eurípedes, *Ifigénia em Táurida*, 372.

(6) *Ilíada*, XXIV, 94.

(7) *Hinos Homéricos*, Hino a Deméter, 41, 42.

(8) Grav. em R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 241.

(9) Thomas Craven, *Greek Art*, New York, Pocket Books Inc., 1950, pág. 56, ilust. 9.

O ADVENTISMO EM FACE DO CALVINISMO E DO ARMINIANISMO

LÉO RANZOLIN

— Conclusão

VI) O Homem, uma vez salvo, pode voltar para o Mundo

Jesus disse: «aquele, porém, que perseverar até o fim, será salvo». S. Mat. 10:22. Ver também S. Mat. 24:13; S. Mar. 13:13. Não deve haver somente um começo na vida cristã, mas também uma continuação na Palavra de Deus.

De acordo com nossa compreensão, há dois cursos para os homens:

(1) «Dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade.» Rom. 2:7. «O dom de Deus.» Rom. 6:23.

(2) «Mas ira e indignação aos facciosos que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça.» Rom. 2:8.

A salvação é oferecida gratuitamente a todos os homens, porém eles a recebem somente aceitando a Jesus Cristo como Senhor. E tendo-a recebido, eles devem «seguir em conhecer o Senhor.» Oséias 6:3. Isto é frequentemente enfatizado por vários textos «se» da Bíblia. Assim: «Cristo, porém, como Filho, sobre sua casa; a qual casa somos nós, se guardamos firme até o fim a ousadia e a exultação da esperança». Heb. 3:6; «Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de facto guardamos firme até o fim a confiança que desde o princípio tivemos.» Verso 14. «Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido n'Ele: Se vós permanecerdes na Minha palavra, sois verdadeiramente Meus discípulos.» (S. João 8:31.

«Se permanecerdes em Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito». S. João 15:7. «Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor; assim como Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e no Seu amor permaneço.» Verso 10. Parece-nos claro, portanto, que o homem, uma vez salvo, ainda pode voltar para o mundo.

Se isto não é assim, há muitos textos que seriam difíceis de entender ou de harmonizar com o ensinamento geral da Bíblia.

Temos por exemplo o texto: «Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.» I Cor. 9:27. O «desqualificado», neste texto, é da palavra grega «ADOKIMOS», a qual é traduzido como «rejeitado» (Heb. 6:8) e «re-

provados»* (II Cor. 13:5 e 6; Rom. 1:28).

Outras interpretações do grego, entretanto, nos parecem fazer tal interpretação impossível. «ADOKIMOS» é apresentado como «reprovado» não menos de 6 vezes. E o contexto em cada exemplo é tal que não poderia ser aplicado como um verdadeiro filho de Deus.» Notemos:

Rom. 1:28 «O próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável» — uma referência a homens abandonados para iniquidade ou entregues à iniquidade.

II Cor. 13:5 «Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados.» Também os versos 6 e 7, os quais não podem se referir a um cristão nascido de novo, pois ele não está na fé, Cristo não está nele, ele está vivendo em pecado.

II Tim. 3:8 «São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto a fé.» (Aqui estão homens que resistem à verdade; homens que são corruptos).

Tito 1:16 «Reprovados para toda boa obra.» Pode isto se referir a um cristão? Notem que nega a Deus, é abominável, desobediente, enganador e contra toda a boa obra.

Mathew Henry, comenta muito bem Rom. 1:28:

«Aqui ele, (Paulo junta uma lista negra de todas aquelas coisas incondizíveis das quais os gentios eram culpados, sendo entregues a uma mente reprovada. Nenhuma maldade tão hedionda, tão contrária à luz da natureza, à lei das nações e a todos os interesses da humanidade, poderia ser vista senão numa mente reprovada.»

Mathew Henry comenta sobre I Cor. 9:27:

«Um pregador da salvação poderá perdê-la. Ele pode mostrar a outros o caminho dos Céus e nunca chegar até lá ele mesmo. Para se prevenir disto, Paulo tomou tanto cuidado de subjugar e conservar dominadas suas inclinações carnis, para que não viesse ele mesmo, que tinha pregado aos outros, a perder a coroa, ser desaprovado e rejeitado pelo Juiz Soberano. Um temor sa-

* Alguns mantêm a posição de que isto significa simplesmente «desaprovado» ou «colocado de lado», como um que serviu de uma maneira útil na Causa de Deus, mas que agora é um «desqualificado», «sendo colocado de lado» e que isto não envolve sua posição como um filho de Deus.

grado de si mesmo foi necessário para preservar a fidelidade de um apóstolo; e quanto mais necessário não é para nossa preservação! Notem, temor sagrado de nós mesmos e não uma confiança presunçosa, é a melhor segurança contra a apostasia e a rejeição final por Deus».

Outro texto que deve ser considerado é Heb. 10:28 e 29:

«Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas, quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?»

Sobre este, Dean Henry Alford, comenta devidamente:

«Há somente um sacrifício verdadeiro pelos pecados: se o homem, tendo-se apropriado devidamente d'Ele, depois deliberadamente o lança para trás de si, não há um segundo sacrifício deixado para ele. Observaremos que uma coisa não é, e não precisa ser, especificada no texto. Que Ele tenha exaurido a virtude do Sacrifício único, não é dito: mas em proporção à sua rejeição voluntária dele, tem cessado de operar por ele. Ele tem realmente... fechado a porta do arrependimento para trás de si, pelo simples facto de estar num estado de habitação voluntária com o pecado. E isto é muito mais fortemente focalizado quando... a cena de acção é transferida para o grande dia da Volta do Senhor e ele for encontrado neste estado irreparável de impenitente». — *The Greek Testament*, 1875, pág. 707.

Um texto mais: Ezeq. 18:20-24:

«A alma que pecar essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este. Mas se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os Meus estatutos, e fizer o que é recto e justo, certamente viverá; não será morto. De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou viverá. Acaso tenho Eu prazer na morte do perverso? Diz o Senhor Deus; não desejo Eu antes, que ele se converta dos seus caminhos, e viva? Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo segundo todas as abominações que faz o perverso, acaso viverá? De todos os actos de justiça que tiver praticado não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado que cometeu, neles morrerá.»

Nestes versos, dois homens são apresentados. O primeiro, um homem perverso que deixa o pecado e se torna obediente a Deus. Ele está perdoado; e se andar no caminho da justiça, nenhum de seus pecados antigos será mencionado diante dele. O outro, um homem justo que deixa o caminho da justiça e volta para o pecado. Se ele continuar em iniquidade, nenhuma de suas manifestações anteriores de bondade será jamais mencionada. Estão anuladas todas as bênçãos da salvação e ele desce para a morte (verso 24).

O Dr. H. A. Redpath («The Westminster Commentary», sobre Ezeq. 18:24) diz:

«Toda a sua bondade (do justo) anterior não terá valor: morrerá em seus pecados... 'se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu estado pior que o primeiro'. II S. Pedro 2:20».

VII) Cristãos Aconselhados a Confirmar sua Eleição

«O apóstolo Pedro, sentindo evidentemente a possibilidade de derrota na vida cristã, escreve àqueles que têm sido 'purificados' de seus 'pecados de outrora', urgindo-lhes com diligência cada vez maior de confirmar a sua vocação e eleição (II S. Ped. 1:9 e 10). E isto, pela graça divina eles podem fazer. Ele diz: 'Associai com vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento, com o conhecimento, o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.' Versos 5-7. Ele acrescenta: 'Porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo'. Versos 10 e 11. Portanto, nós cremos que para confirmarmos nossa entrada no reino eterno, deveremos crescer na graça e virtudes cristãs através de uma presença interior de Cristo.

«Ele termina sua epístola com uma advertência, lembrando-lhes que muitos ignorantes e instáveis estavam deturpando as Escrituras para sua própria destruição (II S. Ped. 3:16). Então, ele diz: 'Vós pois amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos: não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza; antes crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.' Versos 17 e 18.

«Paulo apresenta os mesmos princípios em suas epístolas, apesar de serem decla-

rados numa linguagem diferente. Ele nos diz para colocarmos a armadura de Deus; para pelejar a boa luta da fé; para vigiar e orar; examinar as Escrituras diligentemente; fugir da tentação e deixar a maldade; e como cidadãos do Reino de Deus rendermo-nos ao controle do Rei, para que possamos viver os princípios de Seu Reino. Para todas estas coisas, até as mínimas, precisamos de ser possuídos do poder do Espírito habitando em nós. *Fazendo o que é certo, segundo os mandamentos de Deus, enfrentando qualquer ou todas as condições mencionadas, nunca salvou uma alma — e nunca jamais preservará um santo. A Salvação procede inteiramente de Deus e é um dom de Deus recebido pela fé. No entanto, aceitando este dom da graça, e com Cristo habitando em nosso coração, o crente vive uma vida de vitória sobre o pecado. Pela graça de Deus ele anda nos caminhos da justiça.*

«Enquanto os adventistas nos regozijamos de que recebemos a salvação pela graça, e somente pela graça, também nos regozijamos que por esta mesma graça obtemos vitória sobre nossos pecados, como também sobre nossa natureza pecaminosa. E através desta mesma graça somos capacitados a suportar até ao fim e sermos apresentados 'imaculados diante de Sua glória.' S. Jud. 24.

«A grande cena do julgamento nos Céus revelará claramente aqueles que têm crescido em graça e desenvolvido caracteres como os de Cristo. Alguns que professam ser filhos de Deus, mas que têm deixado Seu conselho, dirão admirados ao Senhor: 'Não profetizámos em Teu nome? E em Teu nome não expulsámos demónios? E em Teu nome não fizemos muitas obras maravilhosas?' A resposta para tais será breve, mas enfática: 'Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade.' S. Mat. 7:22 e 23. Desde que eles mesmos se provaram indignos de Seu Reino, o Senhor em Sua justiça não pode fazer nada mais do que rejeitá-los. Eles PODERIAM TER FEITO A VONTADE DE DEUS, mas escolheram seus próprios caminhos de sua vontade». — *Questions on Doctrine*, págs. 404-417.

Conclusão

Concluindo, fazemos a pergunta: «Uma vez salvo, sempre salvo?» Taxativamente, dizemos que não. Não podemos seguir a doutrina baptista neste particular, e não podemos concordar de maneira alguma com os Calvinistas que dão ênfase a Deus, como Supremo, Absoluto! Deus realmente tem predestinado a todos, colectivamente, pa-

ra a salvação! Isto quer dizer que Deus quer que todos cheguem ao arrependimento! É o Seu supremo anelo que todos os homens aceitem o sacrificio de Cristo operado na cruz do Calvário. A obra da redenção não é uma obra de última hora. Deus, desde a fundação da Terra, planejou a salvação do homem! É uma predestinação colectiva, não individual, no sentido em que Ele quer que todos se salvem, como o sangue de Cristo foi derramado por todos os homens, uma vez para sempre!

Esta predestinação envolve carácter! Aquele que atingir certa norma, este será o eleito de Deus. A previsão não é nominal, mas de um grupo!

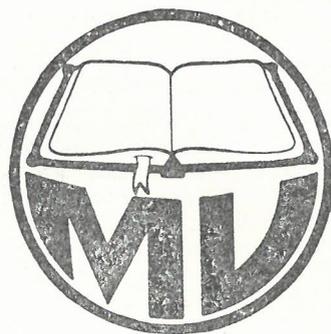
Cristo é o foco de unificação, o Eixo do Universo. Houve uma ruptura na ordem e beleza de tudo. Cristo uniu novamente Deus ao homem. Pela Sua própria justiça Deus Se tornou inimigo do homem. Cristo abriu o caminho através do amor, permitindo que houvesse paz entre Deus e o homem. «Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.»

Muitos têm arguido: Um homem que era cristão toda a vida, de repente, num dado momento, briga com alguém, saca do revólver e mata um indivíduo! Ele será salvo? Bem, isto não nos compete responder! Quem somos nós para servir de juizes? Quem conhece as intenções do coração? David, por exemplo, pecou muito contra o Senhor, no entanto, ele se humilhou, ele se arrependeu! Saul, por sua vez, se colocou em lugar de Deus! Ele não tinha tantas mulheres, no entanto, seu coração era duro, orgulhoso à vontade do Senhor! Isto começou no Céu, com Satanás... Eu, eu, eu! «Subirei acima das mais altas nuvens!» «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.» (I S. João 1:9).

Há, naturalmente, o pecado voluntário, o pecado premeditado! É verdade que há muita diferença! o sangue de Cristo, porém, nos lava e purifica de qualquer pecado! O ladrão na cruz não teve muito tempo, nem de se baptizar, nem de alcançar uma vida pura e santificada! Todavia, ele reconheceu sua pecaminosidade e se entregou ao Salvador!

Oxalá o Senhor abra o nosso entendimento, e nos entreguemos a Ele, sem reservas, destituindo-nos de todo o orgulho, de toda a maldade e possamos buscá-Lo de todo o coração. Aceitemo-Lo como nosso Salvador, lavemos nossas vestiduras no sangue do Cordeiro! Somos salvos pela Graça Divina.

Página da Juventude



CIRANDAR COMO O TRIGO

RUBÊN PEREYRA

O TRIGO não tem sentimentos, mas se os tivesse, não guardaria muito boas recordações da colheita. Depois de cortado, é submetido a diversos processos a fim de ser finalmente levado ao moinho. Nos lugares onde a colheita ainda se faz por métodos rudimentares, talvez os molhos sejam estendidos no solo e sejam pisoteados por uma pequena tropa de cavalos até que o grão se desprenda. Quando se faz o trilhamento à máquina, o processo é mais rápido, mas não menos rude: as espigas são golpeadas nas enranhas da trilhadora, para que o trigo saia depois totalmente separado da palha, a fim de ser guardado no celeiro.

Dois verdades surgem destas considerações, uma positiva e outra negativa.

A primeira: para que haja decisões, amiúde devemos ser exigentes e até intransigentes frente às escusas, levando o crente a enfrentar a realidade e em alguns casos até a «forçar» a entrega. «Força-os a entrar» é a expressão usada em relação à festa das bodas. (S. Lucas 14:23). Mas a expressão «forçar» não equivale aqui a obrigar, impor no sentido de violentar, coagir, mas a usar todos os métodos lícitos e pacíficos para que o pecador logre ver realmente sua condição e possa, a não ser forçado pela própria convicção nascida dos elementos a ele apresentados, render-se total e cabalmente à verdade. Isso requer dedicação e interesse da parte do mensageiro que quer «recolher o grão».

A luta de um pecador que está ante a alternativa entre escolher a Cristo ou Satanás, é às vezes tremenda; os meios usados pelo mensageiro devem estar de acordo com a luta empreendida. Este deverá estar portanto, plenamente convicto da missão que cumpre e cumpri-la com en-

trega total.

A segunda verdade, está relacionada com o «cirandar» que amiúde deve passar aquele que se decide por Cristo. Com frequência a decisão vem acompanhada de tremendas lutas, pois há espinhos, pedregais, o sol calcinante e as aves que atentam contra o bom êxito da sementeira realizada. Temos visto através dos anos pessoas realmente cirandadas como trigo.

A decisão é uma experiência curiosa: é uma mistura de luta, de dor e de alegrias e satisfações. De lutas, porque as trevas não se resignam a perdê-lo e porque nem sempre aqueles que o rodeiam entendem seu proceder. «Não penseis que vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe (...)» S. Mat. 10:34, 35.

Os que estamos na evangelização directa, conhecemos as lutas dos que se têm rompido com o mundo e o vêem voltar-se inesperadamente contra si mesmos. Assim é quando muitos, talvez esmagados pelas lutas, voltam atrás. Mas sua experiência é também de alegria, porque está consciente do glorioso porvir prometido a quem se entrega nas mãos de Cristo Jesus.

Assim é a colheita: é época de trabalhos, de vigília, de suor, mas é também época de imensas alegrias. Agora os celeiros ficarão cheios e virá o merecido galardão do esforço titânico de tantos meses.

É HORA DE COLHER! Não podemos fazê-lo com êxito a menos que ponhamos empenho, tenacidade, tensão, perseverança e convicção em nosso trabalho. A dor, os golpes virão quase com certeza. Mas virá também a alegria da vitória, do labor terminado, da entrada na bem-aventurança do Senhor. Não percam tempo!

Página

das

Actividades Leigas



ANO DO LEIGO

O QUE O LEIGO ESPERA DO SEU PASTOR

Nem sempre a igreja se lembra de que o pastor é uma criatura humana, como qualquer outra. No cerimonial do Santuário, cada ano o sumo sacerdote oferecia primeiramente um cordeiro por ele mesmo e por sua casa, por causa de sua e da natural humanidade de sua família. Como qualquer dos grandes profetas, também era sujeito às mesmas paixões. Sobre o pastor está uma divina unção, uma separação sagrada, consagração a um divino serviço. Se cada leigo tivesse permanente lembrança dessa importante verdade que diz respeito ao ministério, então suas exigências, nem sempre razoáveis, seriam aferidas por meio dessa respeitável realidade espiritual.

O Novo Testamento ensina o apego que deve o leigo ter pelo pastor. Tratar o ministro sempre respeitosamente, deferente e atentamente deveria ser natural comportamento de quantos têm a felicidade de saber os seus nomes inscritos no rol da igreja. O Pastor deve ao mesmo tempo lembrar-se que sua igreja não é um museu de santos, mas vasto hospital de pecadores, peregrinos, caminhando dificilmente para a Canaã Celeste, todos sem excepção, passíveis de errar, como o próprio pastor o é.

EXEMPLO

O leigo espera que seu Pastor seja exemplo dos fiéis. Os romanos diziam que «a palavra morre, mas o exemplo arrasta.» S. Paulo dizia: «Sede meus imitadores como eu sou de Cristo.»

A família do pastor, para que possa servir de estímulo, precisa também ser exemplar, pelo poder de Deus, a fim de não lançar sombras sobre a obra do ministro.

FIEL A PRINCÍPIOS

O leigo espera que seu pastor seja cem por cento Adventista, seja expressão viva da mensagem, coerente com sua fé.

Deve ser firme e seguro em matéria de princípios bíblicos e denominacionais. Um pastor firme, seguro, eleva e encoraja a igreja.

CORTÊS

O leigo espera que seu pastor seja esmerado em cortezia. A cortezia, disse alguém, é o mais singular perfume da vida.

O pastor cortês é cavalheiro, afável, sereno, tolerante.

Se... pastores, professores e leigos cultivassem o espírito cristão de cortezia, alcançariam mais prontamente acesso ao coração do povo». E. G. White.

ENTUSIASTA E ALEGRE

O leigo espera que seu pastor seja entusiasta e alegre. Jamais se realizou alguma coisa importante sem entusiasmo. Tudo sai às mil maravilhas para aqueles que possuem alegre disposição.

Entusiasmo e alegria, duas virtudes gémeas no pastoreado que o leigo espera realmente ver no seu pastor.

DISCRETO

Um dos elogios da Bíblia a David, ainda muito jovem, é que ele era sisudo nas palavras, no sentido de sensato, prudente, circunspecto na conversação.

O leigo espera igualmente que o pastor saiba criteriosamente examinar os dois lados de cada questão e proceder como Jesus procederia. O pastor que aceita facilmente versões negativas contra suas ovelhas, coloca-se na mais lamentável das posições como pastor de almas.

BEM INFORMADO

O leigo aprecia que o seu pastor esteja em dia quanto aos acontecimentos, para

transmiti-los quando for necessário à congregação. Por isso acredita que ele deve ler o noticiário, nas melhores fontes, sobretudo para as devidas aplicações quanto aos sinais dos tempos.

Periodicamente João Baptista saía do seu retiro no deserto para se misturar com o povo e ser informado do que estava correndo.

HÁBIL PREGADOR

O leigo espera que seu pastor se esforce por ser hábil pregador, praticando, como lhe foi recomendado, a dicção e exercício da voz, além de estudar cuidadosamente seus sermões, no sentido de se revestirem do necessário calor espiritual e máxima solenidade.

Espera também que não se preocupe em lhe pregar cada sábado um longo sermão. Prefere mensagem breve, directa e eficaz, que geralmente não vá além de meia hora.

ORGANIZADOR E EVANGELISTA

O leigo espera que o seu pastor seja organizado, pois a ordem é o primeiro mandamento do céu. Não deve esquecer também, na divisão do trabalho, que ovelhas ocupadas não têm tempo de olhar os defeitos das companheiras de trabalho.

AMIGO DE PECADORES PENITENTES

O leigo espera que seu pastor saiba tratar sua congregação sem a menor decepção de pessoas, de modo a ser atencioso para com alguns e não o sendo para com os outros. Pode o pastor ser tentado a tratar melhor os mais cultos, os mais bem vestidos, os mais inteligentes, etc., ignorando que os mais humildes e esquecidos o percebem.

Se Deus, como sabemos, não faz acepção de pessoas, então precisamos imitá-lo plenamente.

AUSENTE EXCEPCIONALMENTE

O leigo espera que seu pastor esteja igualmente presente às reuniões de seu rebanho. Essa presença estimula os leigos e os anima.

Assim o leigo espera que seu pastor esteja o mínimo ausente da congregação, e que, ao mesmo tempo, se esforce em ser pontual.

IDEALISTA

Jesus disse que o homem não vive só de pão. Isto, porque ele vive do pão e do ideal. O melhor uso que poderemos fazer de nossa vida é consumi-la em algo mais duradouro que a própria vida.

Toda a Bíblia, mais do que qualquer outro livro, é um hino ao idealismo genuíno, aquele que realmente glorifica a Deus e serve o próximo, isto é, o amor total em acção.

Cada leigo peça a Deus para que seu pastor seja verdadeiramente idealista para ter consciência, de todo o coração e crer de toda a alma, que a maior obra é o ministério.

O leigo espera que seu pastor seja, profundo e irreversivelmente, ligado até à morte ou até o próximo fim, à maior obra que se faz hoje na face de toda a terra».

H. P. CASTRO LOBO
(Resumido)

O USO DO VÉU ...

Continuação da página 8

cionado com referência às sociedades hebraica e grega, podemos chegar a uma conclusão de interesse para o estudo que estamos fazendo.

Em ambas as sociedades, a mulher ocupa uma posição subalterna. Entre os hebreus, essa posição, é rigidamente mantida no período neo-testamentário. Entre os gregos, um movimento de emancipação, personificado nas cortesãs e originado na época clássica, vai-se pronunciando após a Guerra do Peloponeso e tem grande expansão depois de Alexandre, no período helenístico, sobretudo em cidades cosmopolitas como Corinto que, como já vimos, se tornou famosa nesse sentido.

A cobertura da cabeça, pela mulher judia, simboliza, primariamente, a sua posição subalterna. Por sua vez, a cobertura da cabeça pela mulher grega exprime, não necessariamente a ideia de submissão, mas sim a do natural recato feminino, a *sofrsine*, a virtude da decência, que os helenos tanto apreciavam em suas esposas.

O apóstolo Paulo, respeitando os dados positivos das duas civilizações, vê na cabeça coberta das senhoras — necessária entre os judeus, aconselhável entre os gregos — a expressão correcta, para aquele tempo e lugar, da reverência e decência femininas no culto religioso da igreja cristã.

Visita do Pastor Ranzolin

Esteve de visita ao nosso campo de 4 a 12 de Maio o Pastor Leo Ranzolin, secretário associado do Departamento M. V. da Conferência Geral.

Teve oportunidade de visitar as Igrejas de Benguela e Lobito, onde falou aos jovens, que ao mesmo tempo prepararam um programa de recepção.

O fim de semana foi passado no Bongo, onde se falou aos alunos do Instituto e convidados dos campos Missionários que ficavam mais próximos.

A primeira reunião teve lugar na sexta-feira à noite com a Igreja completamente cheia.

No sábado de manhã a reunião teve



O Pastor Ranzolin apresentando a sua mensagem no Bongo

lugar no recinto do congresso, com uma elevada assistência. A mensagem foi apresentada pelo Pastor Leo que galvanizou a assistência.

À tarde tivemos uma reunião de investidura em que tomaram parte mais de 200 jovens.

No dia seguinte, seguiu para Luanda, onde, à tarde se realizou uma mesa redonda sobre: amor, noivado e casamento, e à noite um culto destinado à Juventude.

Foi pena que fosse tão pouco tempo que dispunha, mas, mesmo assim, foi possível contactar com a Juventude de Angola.



Bongo — Aspecto da assistência, no recinto do Congresso

J. Morgado

PARE,

para
meditar
no seu
Futuro

ESCUTE

a voz
de DEUS
oferecendo-lhe a
Vida Eterna

E OLHE

a JESUS
autor e
consumador da
nossa Fé